

# HRAN ensina médico a tratar queimaduras

Tereza Mello

Para não sobrecarregar a Unidade de Queimados do HRAN, fundada há seis anos e com capacidade para 18 leitos, está sendo lançada a cartilha "Rotina para Tratamento de Queimaduras". Em 24 páginas, pretende-se orientar médicos de todos os hospitais a tratar casos mais simples e dar atendimento imediato a grandes queimaduras. Hoje o HRAN tem a única unidade de queimados nos hospitais públicos do DF.

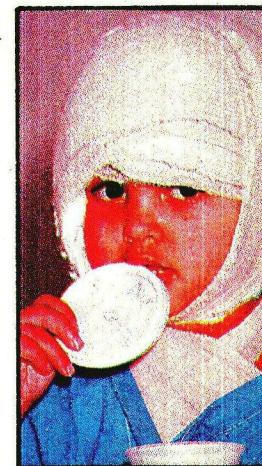
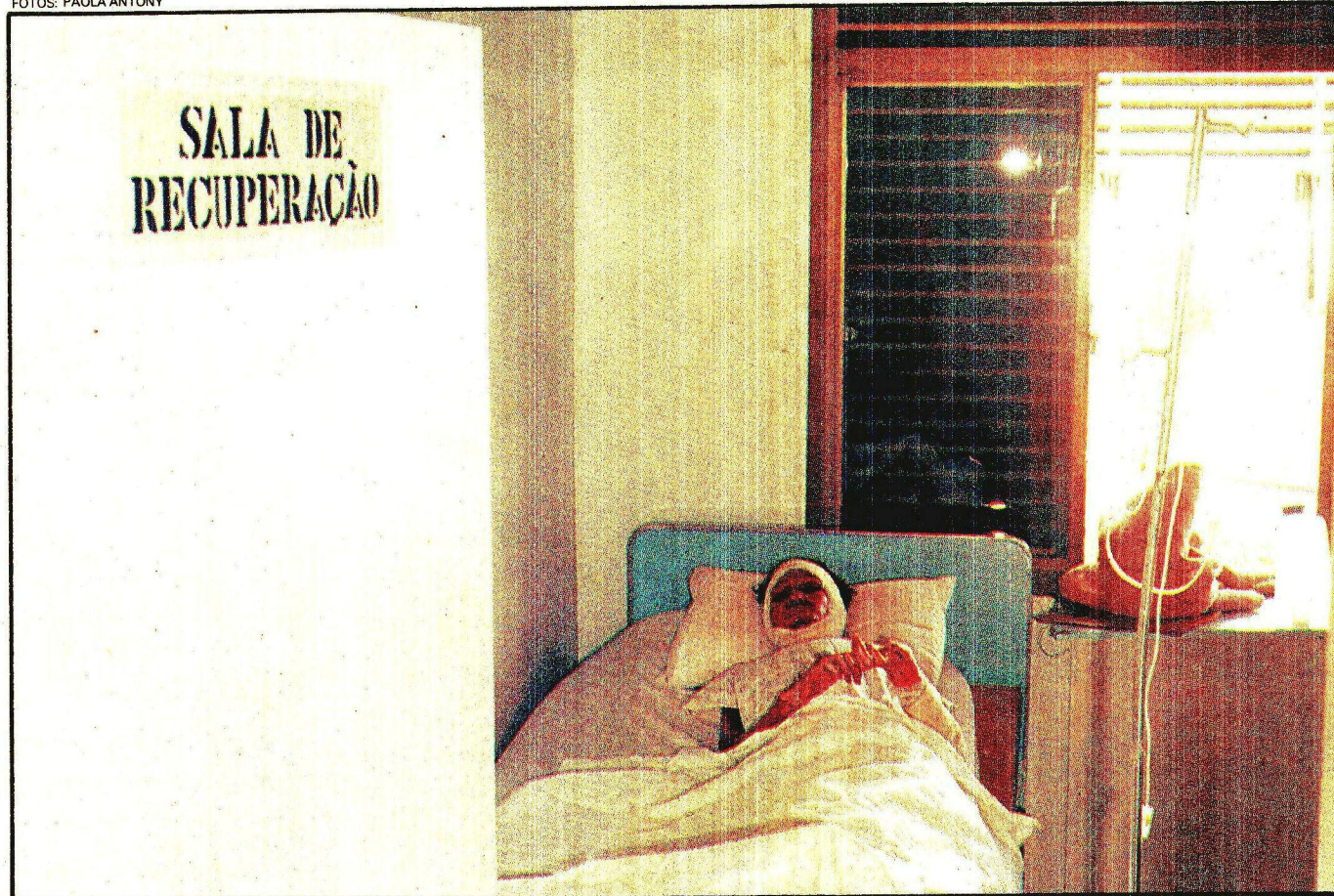
São 300 cartilhas, para serem distribuídas aos hospitais da Fundação, militares e Univesitário. "A equipe médica precisa se informar mais", reconhece o chefe da única unidade especializada no DF, Mário Frattini. Em maio, começa a campanha de prevenção, que procura se antecipar às festas juninas e aos rojões que devem pipocar na Copa do Mundo. "70% das queimaduras são evitáveis", diz o médico, que, só no ano passado atendeu a 239 internações.

**Modelo** — Para a diretora do HRAN, Jacira Abrantes, a grande demanda do centro cirúrgico é devido aos pacientes de outras cidades, num total de 60%. "Se fosse só o DF não haveria problema", diz ela, que considera a Unidade de Queimados um modelo, "imita o Primeiro Mundo", compara. Jacira considera que falta educação à população, que continua se queimando sem necessidade.

Segundo o chefe da unidade, Mário Frattini, nas grandes queimaduras são necessárias três cirurgias de limpeza, três de enxerto e, pelo menos, dez reparadoras. Enquanto isso, o único cirurgião plástico, José Adorno, opera três vezes por semana: às segundas e quartas-feiras à tarde e às sextas-feira pela manhã. Não consegue atender mais de três pacientes graves por semana.

Frattini diz que 60% dos casos de queimaduras são em decorrência da negligência de terceiros. É o que aconteceu com Martha dos Santos, de 23 anos, que fazia um churrasco no último dia 30 de janeiro. "Uma pessoa

FOTOS: PAOLA ANTONY



□ As crianças são as principais vítimas de queimaduras e algumas residem no HRAN até a recuperação total

achou que o fogo não estava aceso e jogou mais álcool", conta ela.

Outros 30% das internações são culpa do próprio queimado. Armelinda da Cunha, 33 anos, três filhos, faxineira, conta que sua vida é só sofrimento. Por isso, ela já tentou o suicídio bebendo veneno — mas não adiantou. Da penúltima vez, jogou álcool na cabeça e acendeu o fogo. Queimou bastante. Quando saiu da unidade, ela já tem planos. "Vou trabalhar para terminar de construir meu barraco", diz.

Dos 14 pacientes internados na unidade do HRAN, oito são crianças. Paula Carolina tem três anos. No mês passado, enquanto sua mãe lavava vasilhas na pia, ela cismou de sentar na tampa do forno. O irmão de um ano resolveu imitar. Resultado: o fogão virou, com todas as panelas fervendo em cima das crianças. Diego escapou, Paula teve todo o corpo queimado e já enfrentou cirurgias de rosto e tórax.

## Primeiros socorros

Colocar debaixo da água fria para aliviar a dor

Não passar vinagre, manteiga, borra de café, pasta de dente etc

Cobrir com pano limpo e úmido e procurar o médico

## "Tinha vontade de sumir"

A dona-de-casa Rosa Raimunda Araújo dos Santos andava desesperada. Cuidava de dois filhos pequenos, enquanto o marido trabalhava na cozinha do Senado Federal. Rosileide, a mais velha, nasceu com paralisia cerebral. Morando no Jardim Roriz, ela levava horas para trazer a menina de ônibus até o hospital Sarah Kubitschek. E chorava. "Eu tinha vontade de sumir", diz ela. "Ficava muito revoltada, porque gente conhecida falava que ter uma filha assim era castigo". Rosa Raimunda decidiu, então, acabar com o seu inferno doméstico. Como num transe, levantou-se do sofá, pegou a caixa de fósforos na cozinha e foi para o quarto.

Lá, jogou álcool no corpo e tocou fogo. Só foi acordar no HRAN - Hospital Regional da Asa Norte.

Já se passaram cinco anos e Rosa só conseguiu fazer uma cirurgia reparadora. Seu drama continua. Afinal, ela não tem quem cuide de Rosileide. Está cheia de cicatrizes, mas se livrou do desespero. "Fiquei uma pessoa mais forte", diz ela. "Só chorei de madrugada". A recuperação emocional de Rosa começou no hospital, onde conheceu outros companheiros de dor. Eles enfrentam um problema comum: a dificuldade em realizar cirurgias plásticas restauradoras nos hospitais da rede pública.

## Vítimas criam associação

Há um ano, as vítimas de queimaduras criaram a Aposeq (Associação dos Portadores de Sequelas de Queimaduras), que se reúne toda última sexta-feira do mês. Na presidência, está Nália Nascimento Ramos, 40 anos, passadeira, junto com o marido, cinco filhos e um sobrinho de um caminhão que explodiu ao bater em outro, há cinco anos.

Ela fez oito cirurgias, o marido três e perdeu a conta das operações dos quatro filhos, com idade entre 12 e 18 anos. Um morreu. Com mais de 90% do corpo queimado, Nália morou no HRAN durante seis meses. Via a família quando alguma enfermeira trazia um filho na cadeira de rodas.

Cinco anos depois, ela diz sentir que Deus está ao seu lado, mas precisa de ajuda agora. "Tenho duas cirurgias para remarcar. Os médicos até têm boa vontade, mas a cirurgia é adiada por falta de anestesiologista ou de material", conta ela, que não consegue nem uma sala no hospital para guardar material da Aposeq, que tem dez inscritos.

"Se fosse na Inglaterra, este tipo de paciente esperaria o dobro do tempo", avisa a diretora do HRAN, Jacira Abrantes, que classifica a cirurgia de Nália como eletiva, ou seja, que pode muito bem esperar, em função de outras muito mais graves. "Temos deficiência de anestesiologista e enfermeira, mas isso é antigo no País", justifica.

Outro que vai entrar na fila é o estudante Dalmir Soares da Fonseca, de 19 anos. Há um ano, ele se queimou ao consertar a mangueira de álcool do carro.